

# Reflexos de uma economia desorientada

## GERMANO DE OLIVEIRA

"Se queda de vendas e revendedores formando estoques por falta de compradores significar recessão, então estamos em recessão", repete insistentemente André Beer, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "Mas, nós ainda esperamos que o governo inverta esse quadro", o que para Beer poderia ser obtido através do barateamento do veículo ao consumidor, com a extinção do depósito compulsório (mantido em 15% do valor do carro zero) e redução da carga tributária que incide no automóvel (estipulada em 91%, sobre o preço do produto que sai da fábrica).

O problema maior é que uma retração na indústria automobilística não põe em risco apenas a estabilidade das 20 montadoras de veículos instaladas no País e que, sozinhas, geram 155 mil empregos, 9% do PIB industrial e exportam mais de US\$ 2 bilhões anualmente. Ao setor estão ligados, direta e indiretamente, dezenas de outros segmentos da economia (fábricas de autopeças, revendedores de veículos, oficinas mecânicas, postos de gasolina, indústrias de pneus, tintas, borrachas, aços e muitos outros), que empregam quase 20 milhões de brasileiros e que respondem por 17% do PIB.

Foi com o peso desses números e com a autoridade de responder pela direção de um grupo que emprega 70 mil pessoas no País que o empresário Wolfgang Sauer, presidente da Autolatina — holding criada para coordenar as atividades da Volkswagen e da Ford no Brasil e na Argentina —, fez uma dura análise da situação econômica brasileira, concluindo que a economia está entrando "em parafuso", exatamente pela demora na tomada de decisões. Sauer entende que o governo precisa reduzir a inflação, que tem causa e efeito no descontrolado déficit público, e o mais

urgente: definir um programa para contornar a crise, com ou sem FMI, mas que se faça um programa e que o presidente da República restabeleça sua autoridade. Um desabafo de quem não deseja viver nova recessão.

## FALTA CREDIBILIDADE

Percebendo que as empresas de seu setor operam "em níveis críticos", Luiz Carlos Delben Leite, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), determinou um levantamento no desempenho dos diversos ramos do segmento. Nos primei-



*Beer defende o fim do compulsório e redução do imposto*

ros números que lhes chegaram, uma triste constatação: o setor de máquinas agrícolas caiu 25%, nos primeiros quatro meses deste ano. O pior, contudo, é que a produção vem diminuindo mês a mês: em abril a queda

foi de 43%, em relação ao mesmo período de 86. "Estamos caminhando a passos largos para a recessão e o mais grave é que o governo se arrasta em indefinições, principalmente por falta de credibilidade interna e externa. A recessão é o pior crime que se pode cometer contra a sociedade: ela inibe os empregos e limita os avanços da tecnologia nacional, que ficará cada vez mais distante da concorrência externa", diz.

Para Delben Leite, desta vez a crise é pior do que a de 81. "Os problemas não são apenas de ordem econômica. Ao mesmo tempo em que não se faz um acerto com os credores externos, internamente assistimos deputados ameaçando o presidente da República com a redução de seu mandato, com fórmulas estatizantes para a economia, criando um clima de intranquilidade para os que têm interesses unicamente produtivos."

Em decorrência desse clima de incerteza, o presidente da Abimaq revela que as empresas do setor, que no final do ano passado haviam projetado investimentos de US\$ 950 milhões para o aumento da produção, "estão em compasso de espera, aguardando a orientação do governo para a economia. Ninguém sabe onde vamos parar".

## DOENÇA SEM REMÉDIO

"O diagnóstico já foi feito: estamos sob a ameaça da recessão. Agora, precisamos que os remédios sejam receitados e as dosagens indicadas para evitarmos a morte da economia." Essa é a interpretação dada pelo empresário Paulo Butori, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Fundição (Abifa), para identificar o atual momento brasileiro. "De uma hora para outra, ficamos totalmente desorientados. No começo do ano esperávamos crescer 11% em 87 e agora já estimamos um crescimento negativo de 1 a 2%. Antes,

tínhamos pedidos em carteira para 120 dias, agora, só temos pedidos para os próximos 30 dias: é o mergulho do mercado."

No mês passado, a indústria de fundição (que atende à indústria automobilística, construção civil, siderúrgicas e extração de petróleo, entre outras) produziu 140 mil toneladas, ou seja 5.200 a menos do que em abril do ano passado, mês em que a indústria estava praticamente paralisada devido aos desacertos de preços após o Plano Cruzado. Essa queda de 3% na produção, no entanto, já foi responsável pela dispensa de 1.000 operários no setor, que emprega 90 mil trabalhadores. "Somente na primeira semana de maio, tivemos que de-



*Sauer quer definição urgente para evitar agravamento da crise*

mitir mais 400 pessoas, invertendo uma posição de expansão no nível de emprego que se mantinha até março", acrescenta Butori.

E a crise econômica não está afetando apenas os negócios internos do setor de fundição. As exportações caíram 61,9% nos primeiros quatro meses deste ano, em relação ao mesmo período de 86, com uma perda de US\$ 80 milhões. "Está faltando uma política realista que oriente as exportações. Temos uma defasagem cambial em torno de 25% e nossos fretes têm um custo absurdo. Enquanto o transporte de uma tonelada de fundidos da Coreia a Nova York custa 10% do preço do produto, o nosso custo é de 30% e estamos muito mais perto dos Estados Unidos. Além disso, com a queda da produção internamente, sofremos uma elevação nos custos de produção, que nos afasta do mercado internacional", explica o presidente da Abifa.

## MOBILIZAÇÃO

Por tudo isso é que Paulo Butori, com a adesão de vários outros líderes empresariais ligados aos setores de metalurgia, eletroeletrônica, máquinas e equipamentos, resolveu marcar para o próximo dia 9, no Palácio de Convenções do Anhembi, uma grande concentração de empresários paulistas "em defesa da livre iniciativa". Butori explica que a manifestação não terá envolvimento partidário e adianta os pontos principais que estão motivando a mobilização: "Precisamos mostrar ao governo que a livre iniciativa é fundamental para o desenvolvimento do País, na geração de empregos e da riqueza nacional; que necessitamos de uma política econômica de curto, médio e longo prazos; que o papel do Estado na economia deve ser limitado; que o déficit público precisa ser drasticamente reduzido, conforme as promessas do governo; e que a Constituição deve ser livre e soberana, com a definição indispensável do regime econômico de livre iniciativa".

(ABC/Agência Estado).